

Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Etiópia: símbolo de africanidade

Alexandre K. Marques*

Resumo: A Etiópia (ou Abissínia) representou um elemento importante de referência à África na construção da identidade dos afro-brasileiros. Durante fins do século XIX até meados do século XX, os descendentes de africanos que viviam no Brasil fizeram menção à Etiópia como uma forma de estabelecer um vínculo com o continente de origem. A partir de fragmentos e citações à Etiópia encontradas na imprensa, em livros e trabalhos acadêmicos, este trabalho busca discutir os significados desta identidade, tentando entender sua origem, importância e relação com a realidade mais imediata das populações afro-americanas da época e com a própria história deste país.

Palavras Chave: Etiópia – afro-americanos – identidade

Abstract: Ethiopia (or Abyssinia) represented an important element of Africa's reference in the building of an afro-brazilian identity. By the end of the XIX century until the middle of the XX century, the african descendents who lived in Brazil made mention to Ethiopia as a form to establish a link with the original continent. From fragments and quotations to Ethiopia found in the press, in books and academic studies, this article tries to discuss the meanings of this identity, his origins, his importance and relation with the immediate afro-american's reality in that time and with the Ethiopian history.

Keywords: Ethiopianism – afro-american – identity

Este artigo busca trazer para a discussão alguns indícios que apontam para a Etiópia (ou Abissínia) como um símbolo de africanidade para os negros que viviam na América e, em especial, no Brasil. Tentarei analisar a natureza desta “identidade etíope” e problematizá-la, buscando entender sua origem, importância e relação com a realidade mais imediata das populações afro-americanas da época e com a própria história deste país. Essas referências à Etiópia aparecem muito dispersas em diferentes períodos e locais: são fragmentos encontrados em jornais, notas carnavalescas e fontes mencionadas em trabalhos acadêmicos (livros, entrevistas, notas da imprensa e outros).

O primeiro estudo que chamou a atenção para o tema foi o trabalho de GERMANO (1999), *Brasil, Rio Grande do Sul e Etiópia*, que trata do carnaval entre a população negra nas décadas de 1930-40 em Porto Alegre. Partindo de menções à Etiópia encontradas em notas carnavalescas e entrevistas com personagens deste ambiente, a autora chamou a atenção para a presença do país africano no imaginário da comunidade negra estudada. A autora aponta como principal elemento desta referência à Etiópia, o seu caráter de

* Mestrando no Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS. O presente trabalho foi realizado com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico–CNPq-Brasil.

resistência ao colonialismo europeu, que data do final do século XIX. Todavia, ao me deparar com outras referências em diferentes contextos históricos e espaço-temporais, decidi me debruçar sobre o tema e tentar entender as nuances que compõem este processo de construção de uma identidade que faz referência à África através da evocação da Etiópia.

A construção de identidades étnicas é sempre um fenômeno de auto-afirmação, uma diferenciação perante o outro, uma marca de pertencimento a um grupo. Tal identidade é construída, geralmente por meio de um imaginário comum, de referências ao passado e/ou à história do próprio grupo, que nem sempre se remetem à realidade de fato, mas se dá a partir de uma “invenção”, como afirmaram Eric Hobsbawm e Terece Ranger.

Essa construção de identidade étnico-social entre os afro-brasileiros foi elaborada desde o momento de sua chegada às Américas, na condição de escravos. Os africanos chegados ao Brasil mantiveram várias práticas religiosas, sociais e culturais que trouxeram da África, apesar da violência, preconceito e ação sistemática da sociedade escravocrata em eliminar tais manifestações. Porém, serão nos anos posteriores à abolição da escravidão que os descendentes de escravos recriam e utilizam (pelo menos de forma mais visível) uma “imagem da África”.

Assim, durante o final do século XIX e início do século XX, a Abissínia, país situado na África Oriental, próximo ao Oriente Médio, foi mencionado em diversas ocasiões como um símbolo de africanidade pelos afro-brasileiros e, de forma mais geral, pelos negros no continente americano. A Etiópia teve um papel central nessa construção identitária, mesmo não possuindo um vínculo real com o tráfico de africanos para as Américas. Como veremos, são elementos de sua história que forneceram instrumentos aos afro-descendentes para a elaboração de uma identidade vinculada à África.

O mais antigo indício sobre a Etiópia que encontrei entre a população negra no Brasil é referente ao *Centro Ethiópico*, entidade de representação da raça que foi fundado em 1884 na cidade de Pelotas, no Rio Grande do Sul, em meio ao movimento abolicionista da cidade (LONER, 2001: 243). Segundo GERMANO, a evocação da Etiópia entre os negros americanos estava intimamente ligada à sua condição de resistência perante o imperialismo das potências européias:

Desde o século passado, a Etiópia apresentava um histórico de lutas e resistências ao sistema colonialista e estava associada à libertação do povo africano. Em 1896, por exemplo, apogeu do colonialismo europeu, a Itália tentara, fracassadamente, invadir a Etiópia. (GERMANO, 1999: 258)

A vitória de Menelik II sobre os italianos na batalha de Adowa (1896) marcaria, então, o início da identificação da Etiópia como símbolo de africanidade, pois a partir desta

batalha a Etiópia tornava-se, juntamente com a Libéria, o único Estado africano independente. Além disso, a continuidade histórica deste país e de sua monarquia remontam, pelo menos, à Idade Média. A Etiópia, dessa forma, fornecia um rico repertório de significados aos afro-descendentes. Porém, a data de fundação do *Centro Ethiópico* é 1884, quase uma década antes da batalha de Adowa. A partir desta referência, comecei a me indagar sobre outros possíveis significados do termo *ethiópico* e de seus usos no interior da comunidade negra. Uma outra referência ao termo apareceria algumas décadas depois. Em 1909, foi fundado, também em Pelotas, o *Centro Ethiópico Monteiro Lopes*, organização criada “no bojo da mobilização contra a recusa em empossar, como deputado federal, o negro Monteiro Lopes” (LONER, 2000: 261-262).

O segundo indício mais antigo também data do final do século XIX, mencionado no trabalho de Wlamyra Ribeiro de Albuquerque. Trata-se de uma representação do Imperador Menelik II (1889-1913) no carnaval baiano de 1897, realizada no desfile do clube carnavalesco *Embaixada Africana*:

A África então trazida à cena carnavalesca tinha como personagem principal uma caricatura do rei etíope Menelik. Referido em um panfleto distribuído pelo clube como o “vitorioso negus dos negus”, Menelik regularmente ocupava as páginas dos jornais locais. (ALBUQUERQUE, 2002: 217)

Esta menção ao Negus Menelik II¹ não deixa dúvidas que se trata diretamente da Abissínia e de seu papel de resistência. É importante ressaltar que esta referência ao imperador Menelik II pelo clube *Embaixada Africana* se dá no ano seguinte (1897) à vitória dos abissínicos sobre as tropas italianas, o que aponta para uma consciência e atualidade no conhecimento sobre os conflitos e a situação na África por parte dos negros baianos.

A idéia de um império africano parece ter causado certo fascínio entre os negros da diáspora: A figura do imperador Menelik II também foi a inspiração para o título do primeiro jornal da imprensa negra paulista: em 1915 era publicado em São Paulo o periódico *O Menelike*, que justificava seu título como uma homenagem ao “grande rei da raça preta Menelik II, falecido em 1913.” Consta também que os imigrantes italianos que viviam em São Paulo nesta época costumavam chamar os negros de *meneliques*. (FERRARA, 1991: 201)

Em 1935, a invasão da Etiópia pelas tropas italianas de Mussolini gerou uma mobilização internacional dos negros. Novamente a Etiópia seria referida pelos afro-descendentes no Brasil. Uma citação bastante curiosa aparece em nota carnavalesca publicada no *Correio do Povo*, em fevereiro de 1936:

Da Comissão de Festejos da Rua da Margem, recebemos ontem a seguinte nota: Aportará hoje, na Ponte do Riacho, situada na Rua da Margem esquina Figueira

¹ *Negus Negast* era o título do imperador etíope e significava “Rei dos Reis”

[Cel. Genuíno], S. A. Real Ras Goma, chefe da juzidia embaixada enviada por S. M Real Hai É O Seilassié, afim de presenciar os folguedos dedicados a Momo, que se realizarão na Rua João Alfredo. A. S. C. Piratas do Riacho, promotora do carnaval nesta importante artéria, resolveu receber condignamente tão ilustre personagem e sua comitiva (Correio do Povo, apud GERMANO, 1999: 261).

Como a autora muito bem demonstrou, tratava-se de uma referência à Etiópia típica do carnaval, carregada de ambigüidades e conteúdo jocoso. Tal nota foi publicada em momento avançado das hostilidades, pouco antes da tomada de Addis Abeba² pelas tropas italianas.

Entre as comunidades negras que reconheciam a Etiópia como referência ao continente de origem, destacaram-se os responsáveis pela produção do jornal *A Alvorada* de Pelotas (1907-1965). Neste periódico, um dos mais importantes da chamada “imprensa negra” do período, podemos encontrar inúmeras referências sobre a Etiópia, como destaca SANTOS: “em 1935, quando a Etiópia foi invadida por italianos, sob o comando de Mussolini, recebeu apoio por parte dos articulistas do jornal que, alguns, colocaram-se à disposição para ir lutar pela liberdade daquele país africano” (2003:167). Os articulistas de *A Alvorada* publicaram, ao longo da segunda metade do ano de 1935³, uma série de artigos sobre a invasão da Etiópia pelas tropas italianas. Sempre com títulos expressivos de indignação, os articulistas de *A Alvorada* condenaram a ação militar da Itália e defenderam a soberania da Abissínia. Além das referências diretas ao conflito durante os anos de 1935, um artigo do jornal trata de uma visita de negros paulistas para a fundação da Frente Negra Pelotense (FNP, fundada em 1933), que aparece da seguinte forma: “Estamos na época das ‘Frentes únicas’, cabendo a todos se defenderem. [...] É certo que, estando à frente desse movimento reivindicador os maiores intelectuais da **raça etiópica paulista** [...]”⁴ (SANTOS, 2003:163) SANTOS avalia o uso do termo raça etiópica, por parte dos articulistas do jornal, como referência direta à Etiópia e seu conteúdo de independência e força, remetendo-se ao episódio de Adwa novamente:

Os negros pelotenses, conforme se percebe no jornal, acreditavam fazer parte de uma “raça etiópica”, pois eram descendentes da Etiópia, símbolo de resistência e liberdade para os negros e africanos espalhados pelo mundo, desde 1896, quando resistiu à invasão italiana sob o comando de Menelik II (SANTOS, 2003 :166-167).

Esse assunto foi motivo de debates nas páginas de *A Alvorada*. A suposta “origem etiópica” era defendida por uns e desmentida por outros escritores do semanário. Num artigo de Rodolfo Xavier, intitulado *Origem Etiópica*, o autor busca esclarecer a origem de tal expressão, a qual considerava enganosa:

² Addis-Abeba é a capital da Etiópia.

³ Os exemplares do ano de 1936 não foram recuperados.

⁴ Grifos meus.

Em geral, no Brasil, a raça descendente de africanos é tida e havida por etiópica. Desconhecedora, em sua quase totalidade, de sua verdadeira origem a raça afro-brasileira pavoneia-se de etiópica cuja região não contribuiu com um único espécime para o tráfico de escravos, não só para o Brasil como para toda América.[...] Raça “chamita” e como tal considerada ramo da raça branca, a raça etiópica, ancestral dos abissínios, escraviza negros de outras procedências, considerados por eles, inferiores a sua raça. (A Alvorada. Pelotas. 7 de julho de 1935. p. 2)

Em outro artigo, algumas semanas antes, Rodolfo Xavier versava sobre as origens históricas da Abissínia, onde afirma que os abissínios não são negros:

Sem espírito de raças, porquanto a Abyssinia não é propriamente paiz de negros, descendentes que são de ethiopes e que os antigos situavam ao sul do Egipto e da Lybia, e como diz Nina Rodrigues, pertencem a um ramo da raça branca: “De facto a primeira discriminação a fazer entre os verdadeiros negros e os povos chamitas que, mais ou menos pretos, são todavia um simples ramo da raça branca e cuja alta capacidade de civilização se atestava excellentemente na antiga cultura do Egipto, da Abyssinia, etc” (Ibidem, p. 2)

Duas semanas depois, o articulista Humberto de Freitas apresenta uma resposta contundente ao debate iniciado por Rodolfo Xavier sobre a “origem etiópica” e a negritude dos abissínios. Num artigo chamado “A Itália e os negros da Abissínia” o autor relata:

[...] Com a próxima guerra entre os conquistadores de terras e a valorosa Etiópia, vem novamente a baila uma velha questão etnológica. São os abissínios, negros ou brancos? [...] Até hoje o povo abissínio, é o que a gente quer que o seja. Negro. Branco. Ou pretos-brancos ao mesmo tempo. Com os egípcios foi a mesma coisa. [...] Há, até hoje, os que crêem não ser os abissínios, negros, pelo fato de ter existido até poucos dias, escravos pretos na Abissínia. [...] Povos da raça branca, não escravizam povos da raça branca? Porque então, nos admirar de que negros escravisassem os próprios negros. [...] Bastou, para diser-se que os egípcios e abissínios fossem brancos, o fato de se ter encontrado no Egipto e na Abissínia vestígios de uma antiga Civilização, o que não poderia ser feita por negros... (Ibidem, p. 2)

Pode-se observar um apurado senso crítico neste artigo. Rodolfo Xavier não publicou uma réplica posteriormente, aparentemente dando por encerrada a discussão⁵. Esse debate no interior das páginas de *A Alvorada* aponta as nuances e os limites da identificação da Etiópia como símbolo de africanidade por parte da comunidade negra de forma mais ampla. Comentando uma carta de um leitor recebida pela redação, a coluna *Pesquei*, que tratava de assuntos referentes ao cotidiano da comunidade, dizia: “Pesquei – certas pessoas dizerem que não querem mais assinar o jornal porque este só trata agora da crise e do massacre dos pretos abissínios” (*A Alvorada*, 18 de agosto de 1935. p.3).

No final dos anos de 1930, encontrei mais duas curiosas menções à Abissínia feitas por uma ‘mãe de santo’ de Pernambuco. Ambas as citações encontram-se em um artigo

⁵ Segundo SANTOS, Rodolfo Xavier fora empossado secretário do *Centro Ethiópico Monteiro Lopes*, logo em seguida à sua fundação, em 1909. Isto apontaria certa ambigüidade nas posições de Xavier.

sobre a repressão aos cultos *afro*, durante o Estado Novo (CAMPOS 2002/2003:106). Em reportagem do jornal local, em 1937, os jornalistas relatavam:

A mãe do terreiro, já avançada em idade, como a princípio frisamos, se levantou da cadeira, procurando arrebatá-los os croquis que havíamos composto, dizendo que fossemos para a Abyssinia, sua terra natal, se quiséssemos aprender a fazer xangô. (CAMPOS 2002/2003:106)

É interessante notar a menção à Etiópia como terra natal desta mulher, o que não é possível confirmar a partir deste documento. Alguns anos depois, em reportagem à *Folha da Manhã*, a mãe de santo se queixava aos repórteres de que seus santos foram-lhe confiscados pelas autoridades:

Implora ao repórter para entecer [sic] junto às autoridades a fim de que lhe sejam descobridos [sic] os santos que trouxe da Abyssinia e que estão atualmente no museu do Estado. É sua única tristeza numa vida de cento e dezoito anos. (Ibidem: 107-108)

A relação entre os cultos *afro-umbandistas* e a Abissínia parece se dar num plano mítico, em uma origem imaginada pela mãe de santo, uma vez que a Etiópia é um país cristão, de doutrina monofisista e com grande parcela de muçulmanos, além dos *falachas*, os judeus negros. Como é sabido, os cultos que originaram a Umbanda e o Candomblé no Brasil tem origem na costa da África Ocidental e ligação direta com o tráfico de escravos. Essa referência talvez tenha se estabelecido em função da simbologia religiosa da Etiópia e de sua monarquia, que se dizia descendente do rei Salomão e ostentava títulos como “Leão de Judah”. Além disso, a Etiópia é citada em algumas passagens do Velho Testamento. Tal simbologia foi decisiva no surgimento do Rastafarianismo na Jamaica, a partir da década de 1930.⁶

Como vimos, as referências à Etiópia aparecem em contextos muito diferentes e parecem indicar significados distintos em algumas ocasiões. Assim, proponho dividir as referências à Etiópia em 2 grupos: um que diz respeito diretamente ao país e sua história e que aparece, na maioria das vezes, sob o nome de *Abissínia*. O outro grupo é identificado com citações ao termo *Etiópia*, *ethiòpicos* ou *etíopes*, que, além de remeter-se ao país africano, possui algumas variações de significado e origem diferente dos primeiros. Desde a antiguidade e durante a Idade Média, os europeus se referiam aos povos negros como *etíopes*, como analisa MACEDO: “O termo utilizado com frequência em toda a Europa ocidental para designar as populações de tez escura ocupantes das margens meridionais do mundo era *aethiops* – palavra de origem grega utilizada inicialmente como significado de ‘face

⁶ Neste sentido ver BARRET, Leonard. *The Rastafarians*. Boston, Beacon Press, 1988.

queimada’.” (2001:118) Os lusitanos parecem ter mantido esse costume por bastante tempo, como atesta o título de uma obra publicada em Lisboa, por volta de 1758, pelo padre Manoel Ribeiro Rocha: *Etiópe resgatado: empenhado, sustentado, corrigido, instruído e libertado*. (ROCHA,1992) Segue-se a isso a utilização do termo *Ethiopia* para designar a África como um todo e do termo *Abissínia* (de origem semita: *Habachan* ou *Al Habashat*, que significa “povo mestiçado”) para referir-se especificamente àquele país. É neste contexto que devemos entender a referência ao *Centro Ethiópico*, fundado em 1884 em Pelotas e ao *Centro Ethiópico Monteiro Lopes*, que de fato não fazem alusão direta ao país africano, mas sim a uma idéia mais ampla de África e africanidade. Da mesma forma, o termo *raça etiópica*, utilizado pelos negros do jornal *Alvorada* seria uma maneira de referir-se aos afro-descendentes de forma a valorizá-los, em detrimento ao termo *negro*. Como destaca NASCIMENTO (1981:38), “[...] elemento integral dessa reconstrução de identidade africana e afro-americana é a autodenominação do grupo negro”. O movimento pan-africanista do início do século XX surgido nos EUA, Caribe, Inglaterra e colônias inglesas, estabeleceu uma discussão muito semelhante que demonstra como o termo *etíope* era utilizado de forma mais ampla pelos afro-descendentes. J. E. Casely Hayford, escritor e ativista negro da Costa do Ouro (Gana) protestou, em 1906, contra o uso do termo *negro* ou *nigger* da seguinte forma: “Nenhuma raça que tem auto-respeito deve submeter-se a ser chamada por nomes oprobriosos [...] Nós somos etíopes – africanos. Assim somos conhecidos desde os dias de Heródoto e Homero.” (NASCIMENTO, 1981:38) Casely Hayford, por outro lado, via com muito entusiasmo a independência da Etiópia frente aos impérios europeus na África. Assim, publicou em 1911 o livro *Ethiopia Unbound* (Etiópia Desacorrentada) dedicada “aos filhos da Etiópia do mundo inteiro”, sugerindo que a Etiópia é, simbolicamente, a pátria-mãe dos africanos (AKPAN, 1985:286).

Podemos indicar então que a utilização do termo *etíope* pelos afro-descendentes foi uma apropriação feita a partir de uma definição *exógena*, isto é, feita pelos europeus. Todavia, seu conteúdo foi “positivado”, uma vez que os europeus utilizavam essa denominação de forma pejorativa. Os negros da América atribuíram a ele um valor de ancestralidade, de referência a um passado distante, que os conectava à suas raízes africanas. Como afirmam POUTIGNAT e STREIFF-FERNT (1998:142), “é esta relação dialética entre definições exógenas e endógenas da pertença étnica que transforma a etnicidade em um processo dinâmico sempre sujeito à redefinição e à recomposição.” Simultaneamente, o país conhecido por Etiópia, a partir do século XIX tornou-se um sinônimo de África, pois era o único estado livre do continente. Dessa forma, essas duas referências se cruzaram. É

interessante notar que grande parte das dos países africanos oriundos da descolonização adotaram as cores da bandeira imperial etíope: verde, amarelo e vermelho.

Assim se viu como foi construída essa imagem da Etiópia pelos afro-brasileiros, de maneira dinâmica, desde o fim do século XIX até meados do século XX e que significados ela carregava. A partir de indícios e fragmentos aparentemente desconexos, pudemos vislumbrar as nuances e peculiaridades da evocação dos termos *Ethiopia* e seus derivados, como um complexo movimento de construção de identidade e referência ao continente africano. Além disso, apontamos para a idéia de que este movimento se deu em um contexto mais amplo, isto é, nas comunidades afro-americanas em geral. E se torna indispensável ressaltar que os espaços que os negros ocupavam no sentido de poderem se expressar e serem ouvidos, no Brasil da virada do século XIX para o XX, eram muito reduzidos, o que talvez explique essa fragmentação das fontes.

Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE, Wlamyra Ribeiro de. “Esperanças de Boaventuras: construções da África e africanismos na Bahia (1887-1910).” In: *Estudos Afro-asiáticos*. Vol 24, n. 2. Rio de Janeiro, 2002.

AKPAN, Monday B. *Libéria e Etiópia, 1880-1914: a sobrevivência de dois Estados africanos*. In: BOAHEN, A. Adu (Coord.). *História Geral da África vol.VII*. Paris: Ática/Unesco, 1985. (p.286)

CAMPOS, Zuleica Dantas Pereira. “Os afro-umbandistas e a resistência na ditadura do Estado Novo.” In: *Seaculum – Revista de História*, João Pessoa: UFP, n. 8/9, 2002/2003.

FERRARA, Miriam N. *A imprensa negra paulista, 1915-1963*. Dissertação de Mestrado em Sociologia USP, São Paulo, 1991.

GERMANO, Íris Graciela. *Rio Grande do Sul, Brasil e Etiópia*. Dissertação de Mestrado. PPG de História/UFRGS, Porto Alegre, 1999.

HOBBSAWM, Eric e RANGER, Terence. *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. 2ª ed.

LONER, Beatriz Ana. *Construção de Classe: operários de Pelotas e Rio Grande (1888-1930)*. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária-UFPel, 2001.

MACEDO, José Rivair. “Os filhos de Cam: A África e o Saber Enciclopédico Medieval.” In: *Signum*: revista da ABREM. n. 3. São Paulo, 2001.

NASCIMENTO, Elisa K. *Pan- africanismo na América do Sul*. Petrópolis: Vozes, 1981.

POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FERNT, Jocelyne. *Teorias da Etnicidade. Seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth*. São Paulo: Fundação Editora UNESP, 1998.

ROCHA, Manoel Ribeiro. *Etiópe resgatado: empenhado, sustentado, corrigido, instruído e libertado*. Lisboa: Officina Patriarcal de Francisco Ameno, 1758. Edição fac-símele, Petrópolis: Vozes, 1992.

SANTOS, José Antônio dos. *Raiou “A Alvorada”: intelectuais negros e imprensa, Pelotas (1907-1957)*. Pelotas: Editora Gráfica Universitária, 2003.